

Titulo : "Trabalhos em regime de seminário"

9



A Comissão Executiva
do 1º Congresso

da

Juventude Universitária Católica

Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa

Fundação Cuidar o Futuro

20 de Março de 1953

Maria Luisa Ferramentas Ferreira Guerra



Esquema do Trabalho

"Trabalho em regimen de "Seminário"

- I - Introdução: a) Considerações gerais sobre o "Seminário Universitário"
b) O "seminário" na Universidade - apontamentos da História
- II - O "seminário" universitário: a) Formas do Seminário
b) Estrutura e direcção do seminário
c) Duração do seminário
- III - O "seminário" e a renovação da Universidade em Portugal
- IV - Sugestões e conclusões

Fundação Cuidar o Futuro

I

A orgânica interna da Universidade alinha-se segundo duas - coordenadas distintas: Mestre e aluno.

Dum lado, actividade que se comunica; do outro, receptividade que se actualiza.

Assim se exigem e correspondem os dois termos do binómio nuclear da Universidade; assim, pelo câmbio de ideias e de saber que entre esses dois termos se estabelece, se continua e realiza a própria Universidade.

O Professor que investiga, constroe e reflete, existe em função do aluno, a quem deve comunicar da sua experiência; o aluno, que lentamente se enriquece e cultiva, deve buscar no Mestre o impulso inicial que seguramente o introduza nos caminhos da Ciência.

O Professor projecta-se no aluno e prolonga-se por ele; prolonga-se mas não se repete, porque o aluno há-de aceitá-lo só para o ultrapassar.

E é nesta superação contínua, neste esforço crítico permanente e activo, neste nunca ficar, que a Universidade permanece e se assegura como criadora de Ciencia.

Logo, importa haver contacto estreito entre Mestre e aluno, contacto que seja transmissão de saber e criação d'asas.

Para isso há as aulas do Course onde se recolhem indicações de várias ordens, onde se encontra o pensamento do mestre, onde se descobrem as raízes desse mesmo pensamento.

Mas, para além deste meio há outro muito mais profundo e eficaz: esse é o do trabalho em regimen de Seminário.

Que é afinal o Seminário Universitário?



Fundação Cuidar o Futuro

É uma série de exercícios práticos que, feitos embora segundo a orientação e com o auxílio do mestre, iniciam o aluno no trabalho científico e lhe disputam capacidades de investigação e criação.

O seminário tende especialmente a fazer do aluno um trabalhador pessoal, capaz de interpretar os problemas para reflectir sobre eles, capaz de crear por si mesmo uma visão da realidade.

Logo, ao contrario do que sucede no Curso o aluno torna-se no Seminário o elemento activo que se pronuncia sobre os problemas, que os discute, que elabora trabalho próprio.

O Professor controla, orienta, rasga horizontes, abre caminho mas não se sobrepõe, não se substitui ao aluno.

Dá-lhe meios para manifestar mais livremente as suas capacidades, para se exercitar e realizar.

No Seminário não há pois, transmissão de conhecimentos; o aluno é que tem de procurar por seu pé a verdade que deseja conhecer para que, depois de marchas e contra-marchas, possa juntar ao conhecimento da verdade, a posse, dum metodo de trabalho.

Assim, o seminário forja o investigador e faz de cada aluno um valor humano, capaz de tomar posição deante dos problemas, capaz de elaborar sínteses e pensamento próprio.

.....

E agora, depois de se ter esboçado o fim do Seminário, importa auscultar a História da Universidade para conhecer não só a origem desta forma de trabalho mas também a importância que assumiu no decorrer dos tempos.

Alguns autores na Europa e na América, procuraram filiar o Seminário nas antigas disputationes do periodo medieval.



Fundação Cuidar o Futuro

No entanto, embora vários documentos assegurem esta tese, importa não esquecer que o seminário se estrutura em cada época, em função dessa mesma época.

Assim, enquanto na Idade Média, o aluno se preparava essencialmente para a discussão dialéctica, repassando no seu espírito a matéria aprendida no Curso, na época moderna procura, antes de mais, elaborar Ciência.

Mas como se chegou a este estágio? - Para o compreender importa considerar, ainda que superficialmente, a evolução do Seminário.

No Renascimento e na época da Reforma fez-se sentir ainda a vitalidade da disputatio, tal como a conceberam os medievais.

Entretanto, outras prespectivas começaram a desenhar-se. As Academias escolares e os Seminários pedagógicos da Espanha do sec. XVI, trazem algo de novo, esboçam mesmo, com mais precisão, o Seminário moderno.



Fundação Cuidar o Futuro

No sec. XVII e durante o sec. XVIII tomam o nome de collegium e são sobretudo os de teologia que adquirem maior relevo.

No entanto, não está ainda aqui o Seminário moderno, porque o fim que o aluno tem em vista não é fazer progredir a Ciência mas completar a sua formação profissional, em ordem as exigências da vida prática.

Só muito mais tarde com Frederico Augusto Wolf, se inaugureu o primeiro Seminário propriamente dito. Os principais representantes da Ciência Histórica alemã dão grande impulso a esta iniciativa de Wolf e o Seminário moderno consolida-se, revestindo um duplo fim: o de formar o aluno pela prática do trabalho pessoal e o de assegurar o progresso da Ciência, pela produção de trabalho original.

A experiência, feita nas Universidades de lingua alemã propa-

gou-se; irradiou para França, Bélgica, Inglaterra, Holanda, América, Suíça, etc.

E tal incremento tomou esta iniciativa de trabalho em Seminário, que bem pode dizer-se ser a Universidade Moderna um grande Seminário de pesquisa, onde não só se transmite o saber mas se aumenta o seu património.

II

Todas as possíveis formas de Seminário assentam num princípio comum: deslocar para o aluno a iniciativa, dar-lhe condições para se realizar.

O processo para actualizar esta ideia mestra é variável segundo as condições de natureza diversa em que se encontram, professor e alunos;

Há que entrar em linha de conta com diversos factores entre os quais avulta a estrutura intelectual dos alunos, os seus interesses e inclinações culturais; há ainda que estabelecer um critério de escolha, segundo o qual o Seminário se vai orientar.

Assim, logo de início surge a questão: será mais conveniente escolher um assunto único, comum a todos os membros, ou deixar a cada um, um tema especial? Unidade ou multiplicidade?

Diz a experiência que os dois sistemas são ricos de vantagens. No entanto, a primeira modalidade parece ser a mais fecunda.

Cria-se um forte clima de cooperação, de solidariedade intelectual; o Seminário como que reveste o aspecto duma pequena sociedade por divisão de trabalho. O esforço dum, enriquece a causa comum.

Importa ver agora, ainda que muito rapidamente, o "modus faciendi" do Seminário.



Fundação Cuidar o Futuro

Há várias modalidades mas só apontaremos rapidamente as mais frequentes.

.....

Há professores que actuam por meio de interrogatórios. Depois de escolhido o assunto, o professor faz sobre ele uma pequena exposição. Em seguida interroga, executa, compara as respostas, faz ressaltar semelhanças e contrastes. Por fim conclui ou faz concluir.

Outros mestres orientam o Seminario de maneira diferente.

Para não alongar mais citaremos só o caso de Charles Moeller, professor em Louvain, que dirigia assim as sessões de História.

1ª fase - escolha do assunto - estudo duma crónica de História Medieval, por exemplo.

2ª - escolha duma secção e distribuição dos capítulos ou dos parágrafos pelos alunos, afim de por estes serem estudados.

3ª - resumo feito pelo aluno do capítulo ou parágrafo lido.

4ª - fixação por cada um, das particularidades do texto.

5ª - interpretação do conteúdo de cada parte e situação do mesmo, no conjunto da obra.

6ª - indicação e comparação de outras descrições do mesmo facto, em obras de autores predecessores, contemporaneos e sucessores do autor considerado.

7ª - investigação das fontes, das influências sofridas, etc.

8ª - apreciação do valor histórico da obra e integração da mesma numa obra de síntese.

Uma outra maneira de trabalhar, muito actual, consiste na crítica, feita por um aluno, ao trabalho de outro.

O que critica recebe antecipadamente um exemplar do trabalho apresentado.



Estas são modalidades possíveis de Seminário, variáveis não só segundo a natureza do assunto, mas ainda segundo outros factores.

Há ainda outros aspectos que importa focar.

De quantos alunos se deve compor um seminário? Quanto tempo deve durar?

Diz a experiência que não se devem juntar mais de quinze alunos, num Seminário, numa elite; de resto, há possibilidade de fazer um trabalho, ainda com características de Seminário, mas aberto a um grande número.

Quanto ao tempo de duração marca ainda a experiência o período de duas horas para cada sessão, a realizar-se de quinze em quinze dias.

Com este intervalo, as sessões tornam-se mais rendosas e mais desejadas.

Só uma palavra agora, quanto à direcção do Seminário.

Antes de mais, exige este trabalho uma grande abnegação intelectual do professor, uma grande discreção, paciência e compreensão.

Terá que respeitar as ideias, iniciativas, projectos, sugestões do aluno, cada vez que forem fundamentadas; terá que usar de muita paciência para o que se engana, de orientar, de ajudar a vencer obstáculos e dificuldades.

Em suma, o mestre, num trabalho discreto e eficaz, deve principalmente criar no aluno precisão e exactidão, probidade científica, serenidade na polémica, gosto da síntese.

Só assim o trabalho em regimen de Seminário será fecundo.

.....

É desnecessário acentuar as vantagens que resultam do trabalho em Seminário. Por isso se torna ocioso dizer que a generalização des-



te processo de trabalho entre nós, contribuiriam em muito para a renovação da nossa Universidade.

É que a Universidade é essencialmente uma comunidade, comunidade intelectual em que professor e aluno devem trabalhar unidos, para o progresso da Ciência.

Ora entre nós, salvo raríssimas excepções, o aluno mantém-se alheio à actividade científica do mestre.

Não é que este não deve dar-se a trabalhos absolutamente pessoais, segundo a sua inclinação de espírito. Mas o aluno, sobretudo o bem dotado, espera dele alguma coisa mais que os ensinamentos dados nas aulas.

Espera que o mestre o inicie nos caminhos da Ciência, que lhe desenvolva capacidades de trabalho, que lhe de mesmo um método de trabalho.

Só assim, a própria actividade científica do mestre terá garantia de continuidade e sobrevivência.

Importa pois que na nossa Universidade haja maior colaboração cultural entre professores e alunos, que uns e outros se aproximem e descubram, se sintam obreiros duma causa comum, que é esta da investigação científica, do estudo e da reflexão.

Nesta linha, houve entre nós quem sugerisse o estabelecimento de "aulas de convivência"; há mesmo quem erie um certo clima para trabalho em equipe, há quem tenha dias marcados para audiência aos alunos.

São esforços muito louváveis para preencher aquilo a que se pode talvez chamar uma lacuna do nosso ensino universitário.

Em ordem ao preencher dessa lacuna sugere-se que:



Fundação Cuidar o Futuro

1º - As chamadas aulas práticas sejam efectivamente práticas e não uma modalidade de aulas teóricas. Porque não transformá-las em sessões de seminário?

2º - Que seja obrigatória, senão no fim de cada ano, ao menos ao fim de cada Curso, a publicação dum trabalho original feito de colaboração entre professores e alunos. Este trabalho podia ser publicado na revista da própria Faculdade, onde a haja fundada, na revista da Associação Académica, etc.

3º - Que a modalidade do "trabalho em regimen de Seminário" seja oficialmente introduzida nos nossos planos de estudos universitários. Seria um ótimo meio para bem preparar as teses e dissertações finais dos Cursos, em que são obrigatórias.

E com estas breves sugestões fechamos o nosso modesto trabalho que outra coisa não quer ser, senão um imenso voto de confiança, no futuro da nossa Universidade restaurada e sempre viva.

Faculdade de Letras de Lisboa, 20 de Março de 1953.

Maria Luisa Ferramentas Ferreira Guerra

